

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO:  
CUIDANDO DA SAÚDE COM ERVAS NATURAIS

MATINHOS

2014

ÂNGELA MARLI EWERLING LUÍZ

EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO:  
CUIDANDO DA SAÚDE COM ERVAS NATURAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção da certificação do curso de Especialização em Educação do Campo, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Douglas Ortiz Hamermuller

MATINHOS

2014

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO .....</b>   | <b>04</b> |
| <b>2. CONTEXTUALIZANDO A EXPERIÊNCIA DA PROPOSTA PEDAGÓGICA.....</b> | <b>04</b> |
| <b>3. METODOLOGIA .....</b>  | <b>09</b> |
| <b>4. RESULTADOS .....</b>   | <b>10</b> |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                 | <b>12</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>14</b> |

EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO:  
Cuidando Da Saúde Com Ervas Naturais

Ângela Marli Ewerling Luíz  
Universidade Federal do Paraná

**Resumo**

Este texto apresenta uma prática pedagógica desenvolvida com alunos no Colégio Estadual do Campo do Lajeado, São Mateus do Sul – PR, entre agosto e dezembro de 2013. Foi escolhido o tema “Cuidando da Saúde com Ervas Naturais” e desenvolveram-se atividades como estudo e pesquisa sobre ervas naturais, elaboração de exsiccatas, realização de entrevistas, apresentação de um seminário sobre o tema, organização de uma horta de ervas naturais na escola. O objetivo dessa prática foi resgatar hábitos da cultura do campo, buscar informação e criar na escola um banco de ervas naturais para troca de mudas entre os alunos e todos da comunidade; o que se concretizou ao findar da realização de todas as atividades propostas.

**Palavras-chave:** Educação do campo; prática pedagógica; ervas naturais.

## **INTRODUÇÃO**

A experiência pedagógica na educação do campo “Cuidando da saúde com ervas naturais” (temperos e chás) foi desenvolvida com o propósito de implantar no Colégio Estadual do Campo Lajeado – Ensino Fundamental e Médio, situado na PR – 151, localidade de Lajeado – São Mateus do Sul, uma horta com caráter de banco de mudas de ervas naturais. Em 2013 o colégio tinha 320 alunos, distribuídos nos três turnos (a maior parte no matutino) e 44 funcionários.

O início das atividades ocorreu em Agosto/2013, com prazo mínimo de duração de um ano, porém para relato nesse este trabalho, foi realizada uma etapa que se encerrou em Dezembro/2013.

A proposta de atividade foi realizada com a participação de vários professores, direção e equipe pedagógica, ficando como coordenadora da atividade a proponente, autora desse trabalho (Professora de Geografia).

Os alunos do 6º ano “A” e 9º ano “A”, foram participantes diretos na execução das atividades; com ênfase para membros da Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida na Escola (COM-VIDA), em algumas atividades.

O objetivo principal foi informar e incentivar os alunos sobre o consumo de ervas naturais (temperos e chás). Assim, seria possível resgatar hábitos dos antepassados sobre o cultivo e o consumo de ervas naturais, hoje muito substituídas por temperos artificiais e remédios alopáticos, segundo as falas dos próprios estudantes.

## **CONTEXTUALIZANDO A PROPOSTA DA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA**

Pensar em Educação do Campo é considerar o campo como um espaço de trabalho, de cultura, de produção de conhecimentos por aqueles que são os sujeitos que ali constroem sua história de vida, com um modo específico de organização popular, de relação com a natureza e à vida na terra, de diversidade sociocultural: os povos do campo.

Entre as características da educação do campo que servem de premissa para o nosso trabalho, constam uma concepção de mundo, de escola, de conteúdos, metodologia de ensino e de avaliação, em que o campo é percebido como um espaço de vida dos povos do campo, muito além de um recorte espacial geográfico. Por esse motivo, a ela deve-se empregar uma prática pedagógica que escute a sabedoria, críticas, necessidades de cada um dos sujeitos que fazem parte desse contexto educativo, estabelecendo assim, uma educação pública crítica, cuja característica central seja a problematização dos conhecimentos advindos das comunidades do campo.

Tal proposta pode ser viabilizada a partir de uma prática pedagógica de projetos. Ventura (2002) fundamenta a Pedagogia de Projetos a partir dos conceitos de “representação, identidade, negociação e rede”. Esses quatro conceitos permitem a construção coletiva de um saber ou de um conhecimento novo, e assim, podem traduzir o que é “projeto”. Afirma que os projetos devem ter uma dimensão interdisciplinar e ao professor, cabe o papel de “tutor”, criando situações-problema, organizando um cronograma de prazos, promovendo reuniões com os alunos e outros professores para situar os avanços ocorridos e de novos encaminhamentos necessários, adequar as atividades do projeto aos demais programas da escola e fazer em co-gestão com os alunos, o relatório final do projeto.

“interdisciplinaridade é a produção de um novo conhecimento que acontece à luz de duas ou mais áreas do saber no momento em que estas estabelecem um diálogo entre si que permita uma nova visão da realidade”. (MASETTO, 2005 *apud* BERNINI, 2010, p. 4).

A partir dessas considerações sobre o desenvolvimento de projetos, pode-se ter a segurança de que se trata de uma metodologia eficaz para a motivação do aprendiz, para a busca de informações e construção de conceitos, para a promoção da instigação, das interações, da busca individual e coletiva de respostas, de soluções; efetivando-se como uma prática pedagógica que cumpre a função educativa e social da escola.

Com base observacional sobre as práticas pedagógicas na escola do campo, é possível inferir que entre as que predominam no processo da

aprendizagem, o ambiente da sala de aula “amarra”, concentra mais de 90% do tempo e das atividades. As práticas externas são bastante limitadas, e poderiam ser ampliadas. As práticas de ensino são arraigadas apenas à teoria, muito pouco à atividades técnicas, aplicadas. Pode-se citar de exemplo, o vocabulário que é “urbanizado” ou cientificizado; no trato de espécies de flora e fauna que formam o bioma da região. Não se tem o conhecimento empírico que os alunos têm acerca de determinados elementos e fenômenos, e essa falta da cultura local, de identidade do homem do campo, faz falta para o professor aproximar o científico daquilo que eles conhecem com nomes populares. Essa falta de aproximação limita o significado que o aluno vai atribuir em relação à teoria.

Outro aspecto que é notório diz respeito à definição dos conteúdos: seguimos os mesmos currículos quer para escolas do espaço urbano ou do campo, e na maioria das vezes com a utilização das mesmas metodologias de ensino e instrumentos de avaliação. O fato de não flexibilizar os conteúdos associando às necessidades do educando, impede o aluno de se sentir motivado, muitas vezes por certos conteúdos e, por conseguinte, de se apropriar de um conhecimento que lhe tenha valor.

É visível também a tendência do nosso discurso valorizar elementos da vida urbana de tal forma que induz o nosso aluno do campo, principalmente o mais pobres, a entender que, para acessar tais elementos urbanos, a educação é o caminho, muitas vezes se esquecendo de que pode ser o caminho também, para que ele permaneça no campo com mais e melhores condições. Além do que, a educação pode ser o caminho para acessar certos elementos urbanos, mas não a garantia de acesso nem a certeza da realização desse cidadão.

Assim sendo, por meio desta reflexão podemos considerar que nossas práticas estão carregadas de um discurso “urbano”, e por assim ser, as escolhas feitas ainda não são as que atendem as demandas da educação do campo, para os sujeitos do campo alcançarem sua autonomia, construírem sua identidade por meio da educação formal que seja pensada neles e feita para eles.

A partir desses pressupostos foi pensado o projeto *Cuidando da saúde com ervas Naturais*, de caráter interdisciplinar, com efetiva participação e envolvimento dos sujeitos da comunidade escolar.

Para o Conselho Brasileiro de Fitoterapia (2010), a Fitoterapia é utilização de plantas medicinais, *in natura* ou secas, nas suas diferentes formas farmacêuticas, sem a utilização de substâncias ativas isoladas e preparadas de acordo com experiências populares tradicionais ou métodos modernos científicos.

Ela nasce entre os egípcios, que na experiência de embalsamar cadáveres faziam uso de muitas plantas, e foi assim, a partir também de seu uso para fins medicinais que descobriram e confirmaram o poder curativo de muitas delas.

Na antiguidade as plantas eram escolhidas pelo seu cheiro, acreditando-se que alguns aromas tinham o poder de afugentar os espíritos das enfermidades. Os babilônios também eram adiantados nesses conhecimentos. “[...] a medicina combinava o poder curativo (ou supostamente curativo) de certas substâncias com passes de magia”. (BALBACH, p. 405-406).

Foi o árabe Abd-Allah Ibn Al-Baitar um dos primeiros grandes especialistas no estudo da botânica aplicada à medicina. Viveu no século XIII, viajou por muitos países e produziu um livro onde descreveu mais de 800 plantas.

“A Botânica sempre andou de mãos dadas com a Medicina, e nunca poderíamos pensar em divorciar uma da outra. Em todo o mundo se conhecem hoje inúmeros remédios vegetais de incalculável valor para a farmacopeia moderna”. (BALBACH, p. 406).

São muitas e cada vez mais presentes as reportagens em programas televisivos e na imprensa escrita acerca da necessidade de hábitos saudáveis por uma saúde melhor. Um dos motivos para essa preocupação está relacionada à mudança de hábitos da população no que diz respeito ao aumento no consumo de alimentos industrializados em nome da praticidade e do ritmo de vida acelerado na atualidade.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define saúde como sendo “um completo bem estar físico, mental e social e não só a ausência de afecções e enfermidades. A saúde passou, então, a ser mais um valor da comunidade que do

indivíduo”. Foi a partir de 1978 que a OMS reconheceu a importância das plantas na medicina popular.

O uso de ervas naturais como alimentos (temperos) e para o tratamento de doenças (chás) é uma prática bastante antiga. Porém, observa-se que muito mais presente na rotina dos antepassados do que nas gerações do presente. Tal constatação foi feita a partir de um diálogo com alunos e da observação das suas preferências alimentares, e de encaminhamentos no tratamento de enfermidades não tão complexas, como por exemplo, uma dor de cabeça, enjoo, um ferimento superficial, entre outros. Revelaram não usar por falta de hábito e por não terem conhecimento, afirmando ser este um hábito e um conhecimento da avó.

Assim, como a segurança alimentar é um tema cada vez mais presente nas discussões com crianças e jovens nas escolas, entendemos que também faz parte desse tema o uso de ervas naturais como possibilidade de alimentação/hábitos mais saudáveis.

“Há várias vantagens em se usar plantas como remédios”. (ROSA, p.89) O custo (financeiro) de remédios sintéticos se apresenta muito elevado em relação a muitas alternativas de remédios naturais, além dos significativos efeitos colaterais de remédios sintéticos.

Porém, o manuseio, o consumo de ervas naturais também requer cuidados para evitar intoxicações. É preciso saber as melhores formas de manuseio das plantas, da melhor forma de seu preparo (infusão, chá, banho, suco, inalação, cataplasma, maceração, tinturas, a dose normal para chás). “Importantes elementos da Fitoterapia, as ervas medicinais, utilizadas por várias civilizações no tratamento de doenças, assumem, atualmente, um papel valioso como medicamento terapêutico oferecido pela natureza” (MARCHIORI, p.14-15).

Cada vez mais, vem sendo realizados estudos de diversas culturas regionais sobre o poder das plantas. No Brasil a riqueza natural de ervas e os conhecimentos indígenas e regionais, contribuem para a valorização do hábito de consumir chás de ervas naturais, independente da classe social a qual pertençam os indivíduos. “As plantas, exceto as venenosas, só podem fazer bem. Nutrem o corpo, purificam o sangue e preparam o organismo para resistir contra a doença”. (BALBACH, p. 407).

O autor ainda afirma que por tais motivos, pais de família deveriam se apropriar do conhecimento quanto ao preparo e aplicação de remédios caseiros da rica e variada flora medicinal brasileira.

## **METODOLOGIA**

A elaboração do projeto e execução das atividades ocorreu com a participação de um professor de cada uma das seguintes áreas: Geografia, Ciências, Língua Portuguesa, Química, História. Foram elencadas atividades individuais e coletivas, a serem desenvolvidas entre Agosto-Dezembro/2013.

Entre as atividades desenvolvidas constam:

- Palestra com alunos do curso Técnico em Meio Ambiente (Colégio Estadual São Mateus) sobre o tema;

- Sistematização num caderno, com alunos do 6º ano “A” (24 alunos) e 9º ano “A” (28 alunos) com registro de informações sobre ervas naturais (chás e temperos) mais populares: nome do chá, forma de preparo, finalidade do seu uso, cuidados e restrições que devem ser tomados em relação ao consumo de ervas naturais (chás e temperos);

- Coleta de mudas de ervas naturais (chás e temperos) de uso comum na região, com os alunos;

- Organização e cultivo na escola de uma horta com ervas naturais (chás e temperos) para servir de banco de mudas;

- Levantamento (fotografias, entrevista) junto à comunidade sobre chás e temperos e confecção de exsiccatas;

- Construção de estufa para as mudas de chás e temperos.

- Apresentação pelos alunos de um seminário sobre chás e temperos;

A organização dessa proposta baseou-se na pedagogia de projetos (VENTURA, 2002) e na interdisciplinaridade segundo Masetto (2005 *apud* BERNINI, 2010, p. 4).

## RESULTADOS

A maioria das atividades ocorreram conforme o planejado, com resultados satisfatórios no que diz respeito ao interesse, participação dos alunos e efetivação das atividades propostas.

Os alunos trouxeram muita informação de seus familiares (pais e avós) durante a elaboração do caderno e coleta de mudas também.

Foram elaborados dois cadernos. Um deles foi organizado pela professora de Língua Portuguesa, com os alunos do 6ºA. Os alunos levavam o caderno pra casa e juntamente com os pais, registravam seu depoimento sobre suas hortas caseiras de ervas, bem como seus hábitos referentes ao uso delas. O outro caderno era individual. Foi organizado pelo professor de Ciências com os alunos do 6ºA e pela professora de Geografia com os alunos do 9º A. Nesse caderno, foram coladas informações estudadas sobre diferentes tipos de ervas: nome popular, nome científico, formas de uso e efeito da erva.

**FIGURA 1 – Modelo dos cadernos: primeiro caderno (depoimentos) e segundo caderno (informações sobre diferentes tipos de ervas)**



Fonte: A autora

Fizeram muitas descobertas durante a elaboração do material para o Seminário (apresentado por todos os alunos do 9º A). Em duplas e trios pesquisaram sobre dois, três tipos de erva natural, buscaram a planta, fizeram cartazes, coletaram produtos industrializados dessas ervas, fizeram e serviram

alguns chás e apresentaram (repetiram três vezes a mesma apresentação) para todas as turmas do matutino, organizadas de duas em duas (6º A, 7º A, 8ºA, 9ºB, 1ª, 2ª séries do Ensino Médio).

**FIGURA 2 – Seminário sobre Ervas Naturais, em 04 de Dezembro de 2013.**



Fonte: A autora

Na confecção das exsiccatas, estudaram sobre essa técnica enquanto possibilidade de construir um catálogo, um arquivo, bem como, relacionaram o conhecimento empírico ao científico. Foi organizado um mural com as exsiccatas elaboradas. Segue o exemplo de três delas na imagem: louro (*Laurus nobilis*), hortelã (*Mentha piperita*), catinga de mulata (*Tanacetum vulgare*).

**FIGURA 3 – Modelo das exsiccatas elaboradas pelos alunos.**



Fonte: A autora

Como no inverno, devido às baixas temperaturas, foram perdidas muitas das mudas já plantadas na horta, foi feito manejo das mudas na horta e a direção decidiu investir numa estufa.

**FIGURA 4 – Manejo da horta e estufa construída para proteger as mudas no inverno.**



Fonte: A autora

Em 2014 as atividades do projeto serão repensadas, com vista a possibilidade de participação direta de outros professores, de outros alunos, mas é certo que as mudas serão transferidas da horta para a estufa, o banco de mudas será ampliado e as mudas poderão começar a ser distribuídas a todos da comunidade que quiserem mudas que ainda não possuem. Serão distribuídas as mudas de ervas naturais (chás e temperos) para os alunos cultivarem em casa para consumo próprio.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como o tema foi discutido pelos alunos e por eles indicado como o assunto a ser abordado, o interesse, a participação foram naturais. Nada foi imposto! Foram discutidas algumas possibilidades a partir de problemas diagnosticados em conversa com os estudantes e eles mesmos fizeram a opção pelo que foi escolhido. Um desafio encontrado foi trabalhar com os colegas das demais disciplinas, pois a

prática fragmentada, disciplinar, limita alguns professores na hora de pensar e agir coletivamente, e foi o que ocorreu no andamento de algumas atividades desse projeto. Para superar esse obstáculo, foi realizada uma reunião conduzida pela direção e equipe pedagógica, para serem revistos aspectos positivos, negativos, atividades propostas, tempo e a partir de então realizados novos encaminhamentos, que garantiram o êxito da proposta inicial.

Pensarmos uma nova proposta de educação do campo exige pensarmos na participação de todos os sujeitos nos processos de aprendizagem, pois nessa tarefa, nós professores, também somos aprendizes.

A prática pedagógica desse projeto foi possível pelo comprometimento da direção, equipe pedagógica e professores de diferentes áreas (disciplinas) com o desenvolvimento das atividades.

Por esses motivos, foi possível perceber que apesar das dificuldades houve avanços e resultados positivos, os quais, portanto, são elementos motivadores para a implementação de novas atividades nesse projeto, bem como de novos projetos.

## REFERÊNCIAS

BALBACH, Alfons. **A Flora na Medicina Doméstica**. 2v.; 23 ed. Itaquaquecetuba: MVP, p. 405-91.

BERNINI, Denise Simões Dupont. A contribuição de ferramentas de educação a distância no ensino interdisciplinar. **ABED**. Cachoeiro de Itapemirim. 2010. CD-ROM. Disponível em:< <http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/252010205455.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

CONSELHO BRASILEIRO DE FITOTERAPIA. **Fitoterapia**. Disponível em:< <http://www.fitoterapia.com.br/portal/>>. Acesso em: 27 out. 2013.

MARCHIORI, Vanderli. Ervas Mediciniais: Tome mais uma xícara...**Saúde e Cura pelas Plantas**, São Paulo, Ano I, n 6, p. 14-17.

PAGLIA, Edmilson Cezar *et. al.* **Práticas Pedagógicas em Educação do Campo**. Curitiba: UFPR Litoral, 2010. p. 21-31.

PARANÁ. Secretaria Estadual de Educação. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná – Educação Do Campo**. Curitiba, 2010. p. 22-30.

VENTURA, Paulo Cezar Santos. **Por uma Pedagogia de Projetos: uma síntese introdutória**. Educação & Tecnologia. Belo Horizonte, v.7, n.1, p. 36-41, jan./jun. 2002.

ROSA, Daniel Ferreira da. **A Arte de Viver Bem**. 2 ed. Porto Alegre: Palotti, 1998. p.88-113.

YWATA, Clara; ANTONIO, João; CORDEIRO, Ruth. **A Cura Está Na Medicina Natural**. São Paulo: Três, 2011, 544p.